

Os fenômenos ou processos fonológicos de alteração fonética e suas implicações na pronúncia da língua cantada: aporte teórico

COMUNICAÇÃO:

Jeanne Rocha

Universidade Federal de Uberlândia – UFU
jeannerocha@hotmail.com

Resumo: O artigo apresenta aporte teórico sobre fenômenos fonológicos de alteração fonética a serem observados no processo ensino-aprendizagem da dicção no Português Brasileiro (PB) cantado. Fundamenta-se em Bisol (2002; 2010) e Cristófaros-Silva (2010; 2011), com aplicação do Alfabeto Fonético Internacional (AFI). Integra pesquisa de Mestrado em conclusão, realizada com 10 alunos de Graduação em Canto (UFU), no período de agosto a dezembro de 2011. O *corpus* para análise fonética contém recortes de gravações de 10 canções eruditas brasileiras, acompanhadas de suas partituras.

Palavras-chave: Dicção para Cantores. Fenômenos Fonológicos. Fonética. Alfabeto Fonético Internacional (AFI). PB Cantado.

Os fenômenos ou processos fonológicos de alteração fonética e suas implicações na pronúncia da língua cantada: aporte teórico

Abstract: This paper presents theoretical phenomena on phonological phonetic change to be observed in the teaching-learning process of diction in Brazilian Portuguese (PB) sung. It is based on Bisol (2002, 2010) and Cristófaros-Silva (2010, 2011), with application of the International Phonetic Alphabet (IPA). It integrates Research Master in conclusion held with 10 students Undergraduate Singing (UFU), from August to December 2011. The corpus for phonetic analysis contains clippings recordings of 10 lyrics Brazilian songs, accompanied by his scores.

Keywords: Diction for Singers. Phenomena Phonological. Phonetics. International Phonetic Alphabet (AFI). Brazilian Portuguese Art Song.

1. Introdução

Na dicotomia fala e língua, Silva (2011, p. 73) apresenta a Fonética como disciplina descritiva, que “descreve o som real pronunciado pelo falante (som da fala), em especial as particularidades da pronúncia” e a Fonologia como interpretativa, que “interpreta os resultados apresentados pela transcrição fonética, ocupando-se do som ideal, abstrato, acima das diferenças individuais de pronúncia”.

Na relação escrita-pronúncia, existem alguns fenômenos ou processos fonológicos segmentais (PFSs) que provocam alterações de ordem fonética e semântica, entre outras. Estes processos podem representar prestígio ou estigma, estando ou não, associados às variações da língua falada (sotaques, dialetos, entre outros). Cristófaros-Silva (2010) considera

que, em qualquer língua existem as chamadas variantes padrão e não padrão, ou, variantes de prestígio e variantes estigmatizadas.

Na língua portuguesa falada no Brasil (PB), p. ex., o *desvozeamento* em “dia” torna-se “tia”, a *desnasalização* em “pão” torna-se “pau”; o *apagamento* de /s/ final altera a classe gramatical de substantivos, de plural para singular: pés/pé; a *inserção* de semivogal /i/ altera a conjunção “mas” para o advérbio “mais” – processos de estigma na norma padrão.

Em contrapartida, há também processos de prestígio, característicos da língua, dos quais se espera realização na fala e no canto, como, p. ex., em PB: *sândi externo*: arar[a]zul, com[w]é, fal[I]special; *assimilações*: (de sonoridade) me[z]mo; (de nasalidade) c[ã]ma; (do ponto de articulação) ca[mp]o; *vocalização da lateral pós-vocálica /l/*: a[w]ma, sa[w].

Com foco em ambos os processos, nossa pesquisa em conclusão no Programa de Pós-Graduação Mestrado em Artes (UFU) analisa foneticamente e compara a pronúncia em recortes de 10 canções¹ do repertório erudito brasileiro, gravadas por 10 alunos da Graduação em Canto, no início e final de um curso de Fonética ocorrido de agosto a dezembro de 2011. O aporte teórico para estas análises estrutura-se em literaturas de Linguística, como, Bisol (2002; 2010) e Cristófar-Silva (2010; 2011), apresentado neste artigo.

2. Sistematização dos PFS

Para melhor entendimento do nível linguístico fonético-fonológico do PB cantado, apresentamos a seguir os quatro grupos² sistematizados de PFSs:

Grupo 1 – Apagamento: fenômenos fonológicos em que se apaga(m) na cadeia segmental um ou mais segmentos consonantais, vocálicos ou semivocálicos, podendo ocorrer no início (aférese: advogado/dvogado), meio (síncope: xiçara/xícra) ou final da palavra (apócope: dar/da). O apagamento de um segmento semivocálico (caxa/caxa) denominado monotongação integra a síncope.

Grupo 2 – Inserção: fenômenos fonológicos em que se insere(m) na cadeia segmental um ou mais segmentos consonantais, vocálicos ou semivocálicos, podendo ocorrer no início (prótese: lembra/alembra), meio (epêntese: pneu/pineu) ou final da palavra (paragoge: pecador/pecadores). A inserção de um segmento semivocálico (desejo/deseijo) denominada ditongação integra a epêntese.

Grupo 3 – Transposição: fenômenos fonológicos em que um segmento consonantal, vocálico ou semivocálico troca de posição na palavra. A troca pode ser também de elementos suprasegmentais como o acento tônico (SILVA, 2011). São: metátese

(iogurte/iorgute), diástole (ínterim/interim), sístole (rubrica/rúbrica), entre outros. Destes fenômenos, pode ser que as alterações de elementos suprasegmentais, como acento tônico, causadas por diástole e sístole não sobressaiam no canto, em função da prosódia musical.

Grupo 4 – Substituição: fenômenos fonológicos em que ocorram alterações de fones ou fonemas. Há diversos tipos de alterações fonéticas que podem ser consideradas substituições (SILVA, 2011), sendo assim, subdividimos este grupo em cinco subgrupos:

2.1 PFSs com pares característicos

- a) *Vozeamento*: fenômeno fonológico em que um segmento desvozeado ou surdo (sem vibração das pregas vocais), perde esta característica tornando-se vozeado ou sonoro (com vibração das pregas vocais): chá/já, congo/gongo, rapeca/rabeca.
- b) *Desvozeamento*: fenômeno fonológico em que um segmento vozeado ou sonoro (com vibração das pregas vocais) perde esta característica tornando-se desvozeado ou surdo (sem vibração das pregas vocais): já/chá, gongo/congo, rabeca/rapeca.
- c) *Nasalização*: fenômeno fonológico em que um segmento oral (consoante ou vogal) perde esta característica tornando-se nasal: paz/mas, cito/cinto, capo/campo.
- d) *Desnasalização*: fenômeno fonológico em que um segmento nasal (consoante ou vogal) perde esta característica tornando-se oral: mas/paz, sinto/cito/, campo/capo.
- e) *Africação*: fenômeno fonológico em que consoantes oclusivas sofrem africação. No PB, a africação ocorre com as consoantes oclusivas [t] e [d] quando seguidas da vogal alta anterior [i] ou [e] em posição pretônica e postônica, soando [tʃ₁, dʒ₁]. Este fenômeno ocorre em vários dialetos do PB, sendo importante marca dialetal dessa variedade: tia, dia; tesoura, desculpa; leite, balde.
- f) *Desafricação*: fenômeno fonológico em que consoantes africadas perdem a característica de africação, tornando-se oclusivas. No PB, a desafricação ocorre com as consoantes [t] e [d] quando seguidas da vogal alta anterior [i] ou [e] em posição pretônica e postônica, soando [t₁, d₁]. Este fenômeno ocorre em dialetos do PB em regiões como o Norte, Nordeste, parte do Sudeste, Sul, entre outras: tia, dia; tesoura, desculpa; leite, balde.
- g) *Simplificação*: processo fonológico em que consoantes complexas como as africadas têm a pronúncia simplificada. Geralmente ocorre com as africadas [tʃ] e [dʒ] quando seguidas da vogal alta anterior soando [ʃ₁, ʒ₁]. De tia para chia; de dia para gia.

2.2 PFSs envolvendo vogais

- a) *Abaixamento*: fenômeno fonológico caracterizado pelo abaixamento da posição da língua na articulação de uma vogal. O abaixamento da vogal média-alta é característico em algumas regiões do Brasil, como, p. ex. o nordeste, em que as vogais médias-altas /e/ e /o/ se realizam mais abertas: f[e]riado/f[ɛ]riado; c[o]stume/c[ɔ]stume.
- b) *Alçamento*: fenômeno fonológico que envolve a elevação da propriedade de altura da língua nas vogais médias-altas [e] e [o] que se realizarão como as vogais altas [ɪ] e [ʊ]. Em PB ocorrem em posições pretônica e postônicas, em que ocorra uma vogal alta. Este fenômeno apresenta grande variação dialetal no PB: Pretônica Inicial: perigo, bonito; Pretônica Medial: adormçido, descoberto; Postônica Medial: fôlego, pérola; Postônica Final: neve, bolo.
- c) *Vocalização*: fenômeno fonológico de alteração de uma consoante para vogal. No PB, a lateral pós-vocálica vocalizou-se na maioria dos dialetos e é manifestada como uma semivogal posterior [w]: Brasi[w], a[w]face.

2.3 PFSs envolvendo assimilação

Assimilação é um fenômeno fonológico em que um determinado som compartilha propriedades de um som adjacente. É bastante recorrente em línguas naturais, podendo envolver consoantes e vogais. A assimilação pode ser: progressiva (um som compartilha alguma(s) de sua(s) propriedade(s) com o som que o segue), ou regressiva (um som compartilha alguma(s) de sua(s) propriedade(s) com o som que o antecede), sendo esta a mais recorrente. A assimilação regressiva ocorre em alguns contextos, dos quais apontamos três:

- a) *Assimilação de sonoridade*: em português, um segmento surdo torna-se sonoro antecedendo um segmento sonoro, em fronteira de sílaba e de palavras, como na fricativa alveolar surda [s]: me[z]mo, a[z] unhas, dua[z] horas; e na fricativa velar surda [x]: ga[ɣ]bo (da pronúncia carioca, p. ex.);
- b) *Assimilação de nasalidade*: um segmento oral torna-se nasal antecedendo um segmento nasal: C[ẽ]ma, t[ĩ]na, p[ũ]nha;

- c) *Assimilação do ponto de articulação*: fenômeno fonológico em que consoantes nasais [m, n] assimilam o ponto de articulação da consoante seguinte passando a ser homorgânica: Po[m]bo, faze[n]do, ba[ŋ]ca, du[ŋ]ga.

2.4 PFSs envolvendo sândi externo

Sândi é um fenômeno fonológico que se aplica em formas adjacentes justapostas e tem como motivação ajuntar formas adjacentes. Muitas vezes o sândi implica em ressilabificação. Pode ser externo ou interno. O externo envolve a ressilabificação de duas palavras podendo apresentar os seguintes fenômenos fonológicos: elisão, ditongação ou degeminação, definidos por Cristófar-Silva (2011) e Collischonn (In: BISOL, 2010, p. 125):

- a) *Elisão*: Fenômeno fonológico que envolve cancelamento ou queda de consoantes, vogais ou sílabas. Pode ocorrer dentro da palavra ou em fronteira de palavras. A elisão somente se aplica na fronteira entre palavras e, geralmente, quando a vogal seguinte for posterior: “resistênci[o]rgânica”, opcionalmente quando for frontal: “merend[e]scolar” e, se as duas vogais forem átonas: “cami[zu]sada”.
- b) *Degeminação*: Fenômeno fonológico em que dois sons passam a se comportar como um único som. Pode envolver duas consoantes em fronteira de palavras: “doi[s]ucos”, duas vogais idênticas na mesma palavra: “álc[o]l”, ou em fronteira de palavras: “tod[a]miga”. A degeminação ocorre quando as duas vogais que se encontram são semelhantes: “lequ[i]scuro, não ocorrendo degeminação quando a segunda vogal tenha acento primário: “menina alta”.
- c) *Ditongação*: Fenômeno fonológico em que uma vogal simples, ou monotongo, passa a ocorrer como uma semivogal, ou seja, perdendo a propriedade de ocupar núcleo silábico. Processo de formação de ditongos com a vogal final de um vocábulo e a inicial de outro, desde que uma das vogais da sequência seja alta [i] “gur[ja]vido”, ou [u] “bamb[wa]lto”.

Em PB a vocalização da lateral pós-vocálica em fronteira vocabular com palavra que se inicia em vogal também forma ditongo, como, p. ex., “mi[w]anos”, “ma[w]acompanhado”.

Não Realização de Sândi em Função do Ritmo Musical

Na partitura a notação musical oferece o ritmo da canção (prosódia), representado por figuras musicais (semibreves, mínimas, semínimas, colcheias, semicolcheias, fusas e semifusas) e suas respectivas pausas, ou silêncios, de acordo com a forma de compasso em que o ritmo se insere (binário, ternário, quaternário). Estas figuras colocadas na pauta musical (5 linhas paralelas), de acordo com a clave (de sol, fá ou do), oferecem a altura das notas musicais (frequência) a serem cantadas (entonação).

Nesta notação o sândi externo pode não ser realizado, mesmo que o contexto exista. Do *corpus* analisado, na fig. 1 realiza-se em ditongação o enunciado “e eu” [je:w], em função da existência de uma única nota musical para este. Já na fig. 2, embora o contexto exista não se realiza sândi na pronúncia em função do ritmo: há uma nota musical para cada vogal nesta fronteira de palavras: [I e:w].

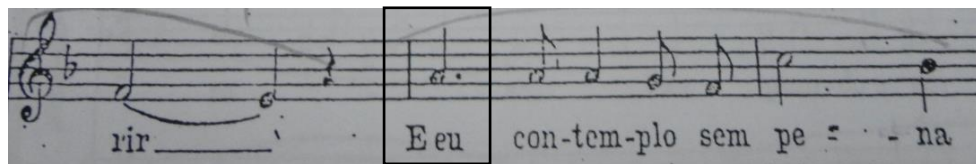


Fig. 1 – Sândi externo realizável por ditongação.

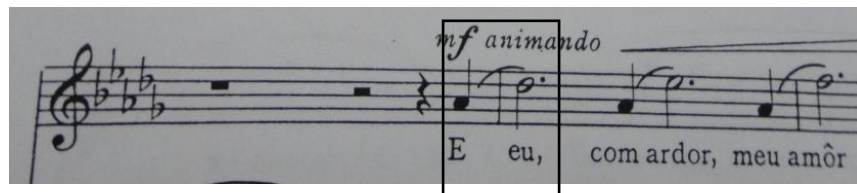


Fig. 2 – Sândi externo não realizável em função do ritmo musical.

Degeminação, Elisão e Ditongação: qual aplicar ao canto?

O sândi externo e sua tripartida elisão, degeminação e ditongação é um fenômeno bastante recorrente na língua portuguesa falada no Brasil. Em função disso, o repertório de canção brasileira, erudita e popular, é repleto deste fenômeno. Geralmente, as partituras têm grafada uma ligadura entre palavras cujas fronteiras envolvem duas vogais (sândi) e cujo ritmo indica apenas uma nota musical para tal realização, ou não. No primeiro momento, esta ligadura parece apenas indicar a união entre as palavras, de forma que, a sílaba juntada caiba no ritmo proposto. Entretanto, pode ser que o intérprete fique na dúvida sobre qual resolução executar, tendo em vista a norma padrão do PB.

A degeminação parece um processo mais simples, como, p. ex., no *corpus* analisado os enunciados: “deita as folhas”, “doces sabes”, “felicidade enfim” onde os dois

sons em fronteira se comportam como um só. Porém, elisão e ditongação requerem maior atenção para resoluções mais concisas. Algumas ditongações não sugerem outra resolução, como nos enunciados: “noite era”, “não há”, “teu amor”. Todavia, boa parte da juntura vocabular possibilita a variação livre entre elisão e ditongação. A elisão grafada na partitura como no enunciado “qu’inda” garante boa resolução. Já o enunciado “estrada enluarada” fica aberto à variação livre, possibilitando elisão [ɪstradẽlu^wa'radɐ] ou ditongação [ɪstradaɨlu^wa'radɐ], alcançando prestígio na norma padrão.

A questão é que, nem toda variação livre resulta-se numa pronúncia de prestígio na norma padrão. No *corpus* analisado, a ditongação para os enunciados “como a” [ko'mwa] e “se ela” [sj'elɐ] resulta-se em prestígio, enquanto a elisão [ko'ma] e [s'elɐ] resulta-se em estigma, provocando alteração fonética e semântica. Desta forma, faz-se necessário um estudo mais aprofundado sobre estas questões linguísticas na canção brasileira.

2.5 PFSs envolvendo róticos

Cristófaros-Silva (2011) define róticos como a classe de segmentos consonantais com características articulatorias heterogêneas e que se relacionam fonologicamente entre si. Tanto em português quanto em outras línguas, os róticos são associados a segmentos relacionados a um som de r. No português, os róticos são o tepe [r], a vibrante [r], as fricativas [x, ɣ, h, fi] e a retroflexa [ɻ].

Entre outros, os PFSs envolvendo róticos mais comuns na língua falada que podem ser estigmatizados no canto lírico, são: vibração múltipla do tepe: Ve[r]a, vocalização da vibrante: p[ɔ:ɐ]ta, faz[e:ɐ] e retroflexão: po[ɻ]ta, faze[ɻ]. Outro processo bastante ocorrente na fala em PB e, conseqüentemente, levado ao canto lírico, é o abrandamento da vibrante: [r]ato, canta[r], da[r] tudo, da[r] nada, co-[r]i-da, b[r]avo, lac[r]e, pa[r]te, ca[r]bono – casos que sugerem maior realce da vibrante.

Acreditamos que, na performance vocal, uma vibrante cantada na mesma intensidade da fala pode chegar como tepe ao ouvido do público, colocando em dúvida o texto cantado, p. ex., quando não se distingue entre *carro/caro* ou *murro/muro*. Acreditamos também que, questões de ordem acústica podem interferir na transmissão dos sons no percurso cantor/público, provocando perdas na qualidade dos sons fonéticos. Associadas à impositação vocal, tais questões sugerem que o canto lírico exige dos cantores maior empenho

na articulação do texto, em especial, nas realizações de róticos e oclusivas, de forma que, sejam mais realçados no canto que na fala.

Por fim, os PFSs têm significativa influência na identidade de uma língua, portanto, sua abordagem torna-se fundamental no processo ensino-aprendizagem da fonética no canto. Foram identificadas 61 divergências fonéticas no *corpus* analisado com maior ocorrência de processos estigmatizados na norma padrão, como apagamento (11), inserção (7) e realização de róticos (21), integrante do grupo 4 substituição.

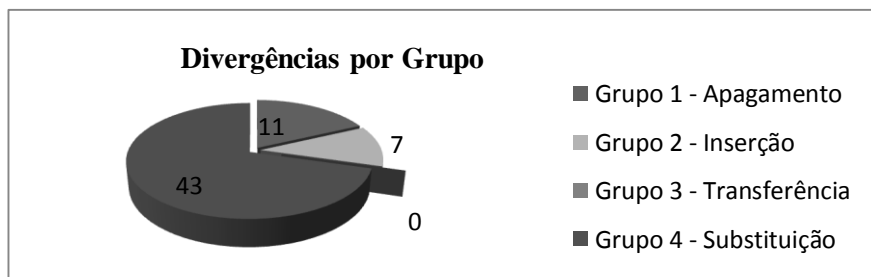


Fig. 3 – Divergências fonéticas por grupo, identificadas no *corpus* analisado.

Referências:

ANDRADE, Mario de. Normas para a boa pronúncia da língua nacional no canto erudito. *Revista Brasileira de Música*: Escola Nacional de Música da Universidade do Brasil, Rio de Janeiro, v. 5, 1º fascículo, 1938, p, 1-35.

BISOL, Leda. BRESANCINI, Claudia (Org.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

BISOL, Leda. *Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro*. 5ª ed., rev. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2010.

CRISTÓFARO-SILVA, Thaís. *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 2010.

_____. *Dicionário de Fonética e Fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.

SILVA, Fernando M. da. Processos fonológicos segmentais na língua portuguesa. *Littera Online*. Universidade Federal do Maranhão, n. 4, 2011, 72-88.

Notas

¹ *A casinha pequenina* (Anônimo), *Acalanto* (Dinorá de Carvalho), *Azulão* (Hekel Tavares), *Canção do poeta do século XVIII* (H. Villa-Lobos), *Coração triste* (A. Nepomuceno), *Foi boto, Sinhá* (W. Henrique), *Improviso* (F. Mignone), *Quando uma flor desabrocha* (F. Mignone), *Róseas flores d'alvorada* (Anônimo), *Soledades* (G. Velasquez).

² Os PFSs de apagamento, inserção e transposição (metátese) são estigmatizados na norma padrão, estendendo-se ao canto lírico, de acordo com as Normas da Língua Nacional Cantada (ANDRADE, 1938).